

# VIOLA-DE-COCHO: O SABER/FAZER QUE DÁ RITMO ÀS CELEBRAÇÕES MATO-GROSSENSES (BRASIL)

LETÍCIA M. TAMIOZZO\*

ZULEIKA ALVES DE ARRUDA\*\*

NADIR. F. B. BITTENCOURT\*\*\*

ARIVAN S. SILVA\*\*\*\*

**Resumo:** A viola-de-cocho (variante da viola regional brasileira) é um instrumento musical essencial nas manifestações culturais e celebrações tradicionais, notadamente dos municípios pertencentes à Região do Vale do Rio Cuiabá e Pantanal Mato-grossense, como o Cururu, o Siriri, a Dança de S. Gonçalo, o Boi-à-Serra e outras festas religiosas que acontecem, principalmente na zona rural. Tombado como Patrimônio Imaterial Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), esse instrumento musical é singular em relação à forma e sonoridade por possuir um formato piriforme, de tamanho aproximado de 58 cm a 78 cm de comprimento e 10 cm de lateral e composto de cinco ou seis cordas. O presente trabalho discute a relevância do modo de fazer da viola-de-cocho no que tange ao valor patrimonial, bem como o seu valor simbólico, o reconhecimento e valorização desses agentes culturais produtores desse saber para a formação e contribuição de uma identidade cultural.

**Palavras-chave:** viola-de-cocho; instrumento musical; arte de fazer; manifestação cultural; patrimônio imaterial.

**Abstract:** The *viola-de-cocho* (variant of the Brazilian regional viola/guitar) is an essential musical instrument in cultural manifestations and traditional celebrations, such as *Cururu*, *Siriri*, *São Gonçalo* Dance, *Boi-a-Serra* and other religious festivals that take place mainly in the countryside, notably in the municipalities belonging to the Region of the Cuiabá River Valley and Pantanal in Mato Grosso state. Listed

---

\* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – Campus Cuiabá/Curso de Turismo Bacharelado. Email: leh.mainardi@gmail.com.

\*\* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – Campus Cuiabá/NPGA. Email: zuleika.arruda@cba.ifmt.edu.br.

\*\*\* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – Campus Cuiabá/NPGA. Email: nadir.bittencourt@cba.ifmt.edu.br.

\*\*\*\* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – Campus Cuiabá/NPGA. Email: arivan.silva@cba.ifmt.edu.br.

as Brazilian Intangible Heritage by the Institute of National Historic and Artistic Patrimony (IPHAN), this musical instrument is singular in relation to the form and sonority of having a pear-shape, approximately 58 cm to 78 cm in length and 10 cm depth and composed of five or six strings. The present work aims to demonstrate the relevance of the *viola-de-cocho*'s way of making and its heritage value as well as the recognition and appreciation of these cultural agents producing this knowledge for the formation and constitution of a cultural identity.

**Keywords:** *viola-de-cocho*; musical instrument; art of making; cultural manifestation; intangible heritage.

## INTRODUÇÃO

A *viola-de-cocho* (variante da *viola* regional brasileira) é um instrumento musical essencial nas manifestações culturais e celebrações tradicionais e/ou divertimento, produzida por mestres artesãos, violeiros e cururueiros, que guardam conhecimentos específicos do saber/fazer.

Instrumento típico do Pantanal de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, a *viola-de-cocho* encontra-se como núcleo de difusão e prática desse saber fazer, nos municípios pertencentes à Região do Vale do Rio Cuiabá e Pantanal mato-grossense. Essas regiões, pertencentes ao bioma Cerrado e Pantanal, possuem a abundância de matéria-prima necessária para a produção artesanal desse instrumento. A diversidade da fauna e flora existentes nesses biomas, assim como o saber das comunidades tradicionais ribeirinhas e pantaneiras, constituíram o amálgama para a produção de um instrumento musical singular nesta região.

O termo «*viola-de-cocho*» está relacionado à técnica de escavação da caixa de ressonância da *viola* em uma peça de madeira inteiriça, a mesma utilizada na fabricação dos «*cochos*», um recipiente regionalmente utilizado na zona rural para depositar o sal e/ou outros alimentos que servem para saciar a fome do gado.

A historiografia aponta referências ao uso da *viola-de-cocho* em notícias no final do século XIX (1940) nos registros realizados pelo etnólogo alemão Karl Von den Steinen a respeito das festas do cururu e da *viola-de-cocho* que ocorriam notadamente na região de Rosário Oeste e Cuiabá, realizadas pelos índios Guatós. Ela era descrita como um violino de cordas de tripa, feito de madeira de salgueiro, chamado Koschó e também como violino de cordas de arame. Mas foi Max Schmidt, outro etnólogo alemão, que registrou o que mais se aproximou à versão da *viola-de-cocho* atual, utilizada pelos índios Guatós na prática do cururu<sup>1</sup>.

Outra versão está relacionada à origem da *viola-de-cocho* ao legado português. Anjos Filho<sup>2</sup> defende a ideia de que a *viola-de-cocho* trata-se de uma adaptação da *viola* de Braga e da *guitarra* portuguesa, que se abasileirou por meio do uso de materiais e de

---

<sup>1</sup> IPHAN, 2005.

<sup>2</sup> ANJOS FILHO, 2002.

referências disponíveis no local à época como o cocho, a cola de póca de peixe e linhas feitas a partir das fibras de uma palmeira conhecida como tucum<sup>3</sup>.

Segundo Anjos Filho<sup>4</sup>, no conhecimento popular é propalado que a viola-de-cocho passou a ser confeccionada após o contato de um artesão ribeirinho, produtor de canoas e de outros instrumentos em madeira local, com um viajante que chegou à comunidade carregando uma viola. A experiência vivenciada fez com que o mesmo se apaixonasse pela melodia emitida pelo instrumento e o desejo de adquirir um semelhante fez com que o ribeirinho reproduzisse uma viola similar a partir da matéria-prima existente na região e de seu conhecimento.

Embora produzida com pequenas variações de material de acordo com o artesão, todos os materiais são típicos da região Pantaneira e do Vale do Rio Cuiabá, o que proporcionou o diferencial e reconhecimento da viola-de-cocho cuiabana e seu tombamento como Patrimônio Imaterial, assim como um elemento catalisador na construção da identidade ribeirinha e pantaneira.

Tombado como Patrimônio Imaterial Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Cultural do Brasil em 14 de janeiro de 2005, por meio do Decreto-Lei 3551, de 4 de agosto de 2000, esse instrumento musical é singular em relação à forma e sonoridade por possuir um formato piri-forme, de tamanho aproximado de 58 cm a 78 cm de comprimento e 10 cm de lateral e composto de cinco ou seis cordas, conforme figura abaixo.



**Figura 1.** Viola-de-cocho tradicional.  
Foto: Antônio Siqueira.

<sup>3</sup> IPHAN, 2005.

<sup>4</sup> ANJOS FILHO, 2002.

A viola é composta pelas seguintes partes: palheta, pestana, pontos, cordas, tampo, cavalete, corpo e cravelhas. Há dois tamanhos de viola-de-cocho, o tamanho padrão ou *standard*, com 78 cm de comprimento, e a violinha de 60 cm de comprimento, como pode ser observado abaixo.

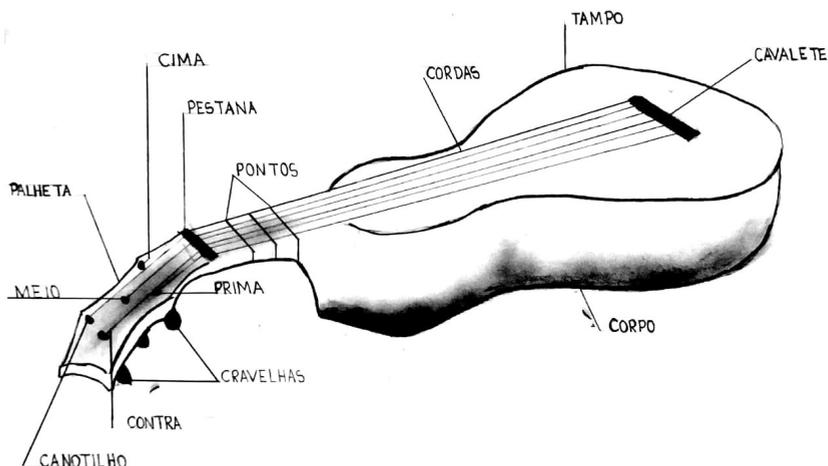


Figura 2. Partes da viola-de-cocho.

Fonte: Joyce Arruda Aquino.

Para a confecção da viola utilizam-se madeiras de espécie regional, sendo as mais utilizadas: a ximbuva, pinho cuiabano para o corpo e braço da viola; a figueira e o sarã para o tampo, e o cedro-rosa, que é utilizado para fazer as palhetas, cravelhas e pestana. Esse instrumento é fabricado também de outras madeiras, como a mangueira, cajá-manga, imbiruçu, consideradas madeiras macias, o que proporciona uma excelente ressonância.

De acordo com Sasso<sup>5</sup>, a maior parte do processo de construção da viola se dá pelo corte de uma tora de madeira bruta em pranchas, seguido pelo recorte e escavação dessa prancha maciça de madeira, onde é desenhado a lápis o contorno da viola a ser escavada como guia. Essa etapa é o que diferencia a viola-de-cocho das demais violas, que são montadas de fora para dentro, ao invés da viola-de-cocho, que é montada de dentro para fora, sendo a escavação que dará forma para a caixa de ressonância e o braço, com exceção do tampo, como pode ser conferido a seguir.

<sup>5</sup> SASSO, 2011.



**Figura 3.** Viola-de-cocho secando ao sol.  
Foto: Zuleika Arruda.

Há duas etapas no processo de escavação: a primeira é a escavação rústica, que retira os excessos de madeira dando o contorno à viola feito com a madeira ainda verde, e a escavação de seu interior deixando uma borda de 1 cm; a segunda etapa é feita após a secagem da madeira, que pode durar de 10 a 15 dias expostas ao sol, em seguida são realizados os refinamentos, deixando a faixa lateral da viola com 3 mm de espessura e o fundo com 5 mm, dando acabamento ao braço e à palheta.

A próxima etapa no processo de fabricação da viola consiste no tampo, retirado da raiz da figueira, devendo ter aproximadamente 40 cm de largura por 60 cm de comprimento e dois milímetros de espessura. Após a remoção da madeira é feito o contorno do tampo com lápis usando como molde o bojo já entalhado da viola. Em seguida é feita a colagem do tampo no bojo e, posteriormente, as partes que irão compor o instrumento musical, como a palheta, a pestana, os pontos, as cordas, o cavalete e cravelhas.

Até a década de 1980, a viola-de-cocho era feita de maneira tradicional, com a cola feita de póca (uma membrana respiratória dos peixes que, após fervida, cria uma liga), e cordas construídas a partir de fibras de coco e, posteriormente, por tripas de pequenos animais silvestres, como o macaco ou ouriços, que atualmente foram substituídas por materiais industrializados como as cordas de nylon e colas industriais e instrumentos de trabalho modernos.

Sasso<sup>6</sup> pondera que as ferramentas tradicionalmente utilizadas para a confecção da viola eram a faca, o enxó, a goiva, a plaina manual e o facão. Porém, atualmente

<sup>6</sup> SASSO, 2011.

essas ferramentas tradicionais vêm sendo substituídas por ferramentas elétricas e a combustão como furadeira, serra tico-tico e motosserra, que facilitam o trabalho dos artesãos/cururueiros.



Figura 4. Ateliê do artesão da viola-de-cocho em Rosário Oeste – MT.  
Foto: Antônio Siqueira.

Após a confecção da viola, a próxima etapa consiste em lixar a madeira e, posteriormente, envernizá-la ou não, ficando a gosto do fabricante, com ressalva para o tempo da viola, que não pode ser envernizado, pois pode comprometer o som do instrumento. Após a secagem do verniz é então colada a pestana, feita com madeira de roxinho, e o cavalete feito de teca. Na palheta são feitos 8 furos para fixar cravelhas onde serão presas as cordas. As cravelhas assim como a palheta possuem formatos diferenciados de acordo com o fabricante, podendo assim identificar quem foi seu criador. As notas são dadas por três pontos, que equivalem aos trastes, feitos com barbante tratado com cera de abelha e as distâncias dos pontos em relação à pestana são: o primeiro 3 cm, o segundo 5 cm e o terceiro 7 cm. A última etapa consiste nas cavilhas na pestana para dar passagem às cordas, quatro cordas sendo de nylon e uma de aço, como pode ser observado na figura que segue.



Figura 5. Cururueiro colocando a corda de nylon na viola-de-cocho.  
Foto: Zuleika Arruda.

A primeira corda é chamada de prima, feita com nylon 045; a segunda é chamada contra e é feita com nylon 070; a terceira, chamada do meio, é feita com nylon 0100; a quarta, chamada de canotilho, é feita com corda ré do violão de aço; e quinta corda, chamada corda de cima, é feita com nylon 080. Após a afinação a viola está pronta para dar ritmo às festas e aos divertimentos tradicionais.



Figura 6. Cururueiro afinando viola.  
Foto: Antônio Siqueira.

A viola-de-cocho, confeccionada artesanalmente e utilizada por músicos (cururueiros) das camadas populares nas festas católicas da Região do Vale do Rio Cuiabá e Pantanal Mato-grossense, é a que dá o ritmo às rodadas de cururu, às danças de siriri e de São Gonçalo e às manifestações do Boi-à-Serra. Embora a viola-de-cocho seja a sustentação harmônica do canto, essas manifestações populares apresentam estilos próprios no que tange à coreografia, música e poesia.

O cururu ou Função, quase sempre associado ao Siriri é um divertimento típico e popular dos mais antigos de Cuiabá e de algumas outras cidades de Mato Grosso. Ele se fez presente em muitas festas devocionais, demonstrando que práticas consideradas pagãs ou próprias de negros escravizados ou alforriados misturavam-se com manifestações sagradas. Tocar, dançar e cantar o cururu dizem respeito a uma vinculação do indivíduo com o santo. Nessa dança, é marcante a presença dos homens no desenvolvimento dessa função. Dele participam pelo menos dois cantadores, um deles tocando instrumentos musicais, como a viola-de-cocho, e o ganzá (instrumento de percussão feito de taquara). O cururu é composto por maior número de cantadores, a maioria toca a viola-de-cocho; os demais, o ganzá e o adufo, que consiste num pandeiro feito de couro de cotia, veado ou outro animal. Os que não tocavam instrumento seguem dançando. São comuns nas rodas de cururu os desafios, também chamados de porfias, ocasião em que um cururueiro desafia, com versos, o outro que, como o primeiro, responde com outro desafio.



**Figura 7.** No ritmo da viola, cururueiros dançando, cantando e trovando.  
Foto: Zuleika Arruda.

O cururu é cantando sempre a duas vozes, sendo uma mais grave e outra mais aguda. Os cantadores se colocam num semicírculo ou em roda e iniciavam a apresentação com quadrinhas sobre a região.

O siriri é um dos folguedos mais populares do estado de Mato Grosso. Ele faz parte das festas tradicionais e festejos religiosos que remetem às brincadeiras indígenas, com ritmo e expressão hispano-lusitanos. Como instrumentos musicais, acompanham a viola-de-cocho, o cracacha (ganzá) e o mocho ou tamboril, conforme Figura 8.



Figura 8. A viola, o ganzá e mocho.  
Foto: Zuleika Arruda.

O siriri é dançado em forma de roda, por crianças, homens e mulheres, que podem estar sozinhos, em dupla ou em fileiras. Os movimentos são rápidos e ágeis acompanhados pelo bater de palmas e dos pés, pelas mãos na cintura, gingadas e rodadas sobre os pés.



Figura 9. Siriri de Roda x Siriri em Fila.  
Foto: Zuleika Arruda.

A dança reflete o *modus vivendi* simples e festivo das comunidades ribeirinhas e sua coreografia transmite o respeito e o culto à amizade presentes nessas comunidades. A viola-de-cocho, que embala os sons do cururu e as coreografias do siriri, faz parte das manifestações folclóricas do Vale do Rio Cuiabá e Pantanal Mato-grossense.

## DO SABER/FAZER QUE DÁ RITMO ÀS CELEBRAÇÕES MATO-GROSSENSSES AO VALOR SIMBÓLICO, PATRIMONIAL E IDENTITÁRIO

Embora reconhecida pelo seu modo de fazer, a viola-de-cocho não representa apenas um instrumento musical que embala os sons do cururu e as coreografias do siriri e dança de S. Gonçalo, as festas de santos, os aniversários, os casamentos e as festividades organizadas como pagamento de promessas. Ela possui um significado simbólico que extrapola o lado funcional de um mero instrumento musical e constitui um elemento catalisador da formação da identidade e manutenção da cultura das comunidades tradicionais rurais do vale do Rio Cuiabá e pantaneira.



Figura 10. Cururueiros comandando festa de Santo no município de Rosário Oeste (Alto Cuiabá).  
Foto: Antônio Siqueira.

A viola-de-cocho, símbolo da identidade mato-grossense, é um objeto imbuído de signos e significados que vão muito além de um mero instrumento musical. Para o curureiro, a viola possui um valor simbólico, constituindo um instrumento sagrado e um meio de contato com o divino. É um instrumento cuidado com muito respeito e zelo pelos cururueiros, que aprenderam a arte de fazer e tocar com seus pais ou parentes próximos e assim fazem com seus filhos, perpetuando a cultura.

Daí a relevância do entendimento dos signos existentes no objeto (a viola) como uma forma de compreender os valores — as representações — dos artesões/cururueiros, bem como os signos existentes nas práticas culturais associadas ao uso funcional da viola nos rituais e festas religiosas, nas danças, na música e nas coreografias, que se constituem em representações do sagrado durante as festividades.

O processo de produção da viola-de-cocho é imbuído de saberes e fazeres, crenças, rituais e devoções que estão implícitas no objeto produzido e que foram transmitidos pela oralidade por diversas gerações evidenciando a relação com a natureza e a religiosidade existentes nas comunidades tradicionais do Vale do Rio Cuiabá e Pantanal.

Baudrillard<sup>7</sup> chama a atenção para o fato de os objetos possuírem significados imanentes em que a funcionalidade não está ligada apenas à finalidade prática dos objetos, mas também à sua capacidade de fazer parte de um jogo de relações, ou seja, em que os objetos passam continuamente do enfoque funcional para o simbólico dentro de um determinado sistema cultural.

O papel das interações entre indivíduos e grupos constitui uma rede de significações em torno do objeto representado, o qual passa a ser integrado aos valores e às práticas sociais dos grupos<sup>8</sup>. Essas representações sociais dizem respeito à produção dos saberes sociais desenvolvidos no cotidiano e que pertencem ao mundo vivido e constituem os modos de conhecimento, saberes do senso comum que surgem e se legitimam na conversação interpessoal cotidiana e saberes cotidianos que pertencem ao mundo social das comunidades tradicionais ribeirinhas e pantaneiras.

As comunidades tradicionais ribeirinhas/pantaneiras, com suas características e especificidades locais, possuem um modo de viver e habitar representativo nos detalhes arquitetônicos, na configuração espacial dos povoados voltados para o rio, nos quintais com finais na margem do rio, pela prática de usar o rio como via de deslocamento. O modo simples de viver, o conhecimento ecológico, os saberes e fazeres transmitidos ao longo das gerações pela oralidade, a forte religiosidade, os laços prevaletentes de parentesco e um imaginário popular permeado de signos e símbolos provenientes da água e religiosidade, são características prevaletentes nessas comunidades<sup>9</sup>.



Figura 11. *Modus Vivendi* Ribeirinho.  
Foto: Antônio Siqueira.

<sup>7</sup> BAUDRILLARD, 2008.

<sup>8</sup> JODELET & PAREDES, 2009.

<sup>9</sup> TAMIOZZO, 2019.

*A água faz parte do seu cotidiano, representa-os, sendo dotada de significado cultural. [...] As comunidades tradicionais que habitam ao longo dos rios ou região pantaneira, como sujeitos sociais, possuem representações que caracterizam seu grupo cultural e que foram instituídas, a partir de um imaginário social, construídas em sua relação íntima com a dinâmica das águas. [...] Para os moradores das comunidades tradicionais ribeirinhas e pantaneiras a água é muito mais que um elemento da paisagem natural, ela representa fonte de subsistência, de (re)produção da vida; espaço do ócio e lazer, da religiosidade e das lendas e mitos<sup>10</sup>.*

Assim como a dinâmica das águas, o ciclo das cheias e a seca interferem na vida dessas comunidades circundadas pelas águas do Rio Cuiabá e do Pantanal, associados ao conhecimento popular, a arte de fazer a viola-de-cocho também está impregnada de representações sociais que o homem tem com o meio ambiente. A retirada das madeiras a serem usadas na viola-de-cocho está relacionada à dinâmica da natureza, pois acredita-se que o corte da madeira sofre influência dos períodos de seca e chuva, assim também como o estágio da lua. De acordo com o saber popular, a madeira deve ser cortada apenas na lua minguante evitando assim que rachem ou que sofram ataques de insetos como cupins. Esses conhecimentos estão imbuídos no processo de produção desse instrumento musical, que vão além do processo de fabricação e contribuem para a manutenção da cultura e dos saberes relacionados à sua fabricação e execução musical.

A marca da paisagem pantaneira está implícita nas violas que são decoradas com elementos da fauna e flora local, desenhadas a fogo e pintadas com tinta colorida, ou bem branquinhas, na madeira crua, regional. Representativa das práticas culturais e identidade cuiabana, a viola traz signos da religiosidade representados pelos adornos usados pelos cururueiros. A título de exemplificação é uma prática comum entre os cururueiros amarrarem fitas coloridas no cabo como da viola-de-cocho. Essa prática indica o número de rodas de cururu em que a viola foi tocada em devoção a um santo, conforme imagens abaixo.

---

<sup>10</sup> TAMIOZZO, 2019: 6-8.



**Figura 12.** Símbolos e signos da fé e devoção ao santo na viola.  
Foto: Zuleika Arruda.

Na simbologia católica cada cor representa a fé e devoção a um santo: o amarelo é utilizado no dia de Nossa Senhora da Conceição, o verde no dia de São Gonçalo, o verde e vermelho para S. Sebastião, o rosa para S. João, o vermelho para o Divino Espírito Santo, a branca para Nossa Senhora das Graças e o azul para S. Benedito.

A viola-de-cocho, desde sua fabricação, como mencionado acima, até o momento de sua utilização dando ritmo às canções dos cururueiros, constitui um objeto extremamente carregado de signos e de linguajar cheio de expressões e sotaque tipicamente ribeirinho.

Nas festas de santos realizadas nas comunidades tradicionais rurais, a presença dos cururueiros é garantida. As festas, geralmente organizadas por devotos que se reúnem em casa e convidam um grupo de cururueiros para tocar e dançar, seja para pagar uma promessa atendida por um santo de sua devoção, seja como forma de demonstrar sua fé ou cumprir com a tradição de homenagear o santo de devoção anualmente. No momento da ladainha os tocadores/cururueiros seguem todo um ritual religioso e, passado esse momento, eles se divertem fazendo repentes que exigem grande habilidade para improvisar sobre temas reais de suas vivências.



Figura 13. Participações diversas em rituais e festas religiosas — cururueiros.  
Foto: Zuleika Arruda.

As toadas e repentes dos cururueiros são imbuídos de muitos significados (práticas cotidianas, de fé e devoção ao Santo, etc.) que vão dando direcionamento às festas, desde o seu início com o levantamento do mastro do santo ao qual é dedicada a festa até o seu encerramento, com a retirada do mesmo, até os ritmos que comandam a coreografia das danças. No universo dos cururueiros tocar a viola-de-cocho, dançar e cantar o cururu diz respeito a uma vinculação do indivíduo com o santo.



**Figura 14.** A devoção e homenagem ao santo.  
Foto: Zuleika Arruda.

A viola que dá ritmo às toadas dos cururueiros e às danças de Siriri e São Gonçalo são extremamente constituídas de um linguajar cheio de expressões e sotaque tipicamente ribeirinho. A oralidade, o improviso dos repentistas das trovas e cantorias e a ritualização do festa também constituem características marcantes nesse grupo social. Mesmo destituídos do conhecimento formal, reproduzem frases de origem latina nos rituais religiosos adquiridos pela oralidade. Consideramos que a memória coletiva em conjunto com a oralidade constitui uma forma de preservação e reprodução da sabedoria do patrimônio cultural local. Além da importância linguística estão envolvidos diversos significantes relacionados ao lugar de pertencimento desse instrumento, que são produzidos com materiais disponíveis na região e sofrem influências geoculturais do lugar onde são confeccionadas.

De acordo com o dossiê do Iphan<sup>11</sup>, há dois tipos distintos de tocar a viola-de-cocho: os chamados sotaques rio-acima ou a viola-rio-acima, em referência ao trecho do rio Cuiabá em direção à nascente e formado por corredeiras que impedem a navegação, e sotaques rio-abaixo ou viola-rio-baixana, que corresponde ao trecho navegável do rio a partir da cidade de Cuiabá em direção ao Pantanal e sua foz. No trecho denominado rio-acima a viola-rio-acima é tocada em ritmo mais lento e, em consequência, o cururu tem também andamento mais moderado. No trecho denominado de rio-abaixo, a viola é tocada em andamento mais vivo refletindo no ritmo do cururu. As diferenças de andamento são acompanhadas por maneiras diferentes de dançar o siriri nessas localidades.

<sup>11</sup> IPHAN, 2005: 25.

Na atualidade, a (re)produção do saber fazer da viola-de-cocho está comprometida devido à substituição da matéria-prima de origem animal pelos materiais industrializados e por uma legislação ambiental que determina o corte de árvores à medida que dificulta o licenciamento e o acesso dos artesãos/cururueiros à matéria-prima necessária à confecção da viola. Essa questão relacionada ao patrimônio ambiental ocorre devido ao fato de a viola-de-cocho ser tradicionalmente confeccionada por madeiras com qualidades muito específicas ou animais silvestres, protegidos por lei.

Outro aspecto está relacionado ao envelhecimento da população masculina e portadora desse conhecimento da arte de fazer esse instrumento. À medida que os cururueiros vêm envelhecendo, reduz-se o número de fabricantes e tocadores e a população jovem apresenta pouco interesse em dar continuidade ao saber fazer da viola-de-cocho, assim como a sua musicalização.

Diante desses fatos e, também, do crescente reconhecimento da viola-de-cocho como um símbolo da identidade do Estado de Mato Grosso, o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP utilizou a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais/ INRC para a sistematização de dados, levantamento, identificação e localização de documentos e referências sobre a viola-de-cocho<sup>12</sup> necessários para sua incorporação no Livro de Saberes.

Segundo o Dossiê do IPHAN<sup>13</sup> o processo de reconhecimento da dimensão patrimonial dos saberes e fazeres engendrados no modo de fazer da viola-de-cocho constitui um dos caminhos viáveis para o reconhecimento social e da valorização de indivíduos e grupos que vêm sendo regularmente colocados à margem do processo histórico de construção da identidade e da cultura brasileira.

O seu tombamento como patrimônio imaterial cultural significou o reconhecimento pelo Estado do valor cultural desse saber/fazer para a construção da identidade cultural, bem como a consolidação do desejo do poder público de construir uma representação cultural identitária para Mato Grosso.

Com esse processo de patrimonialização e o cenário socioeconômico da sociedade contemporânea, a arte de fazer da viola-de-cocho é (re)significada com reflexos na produção de novos objetos e expressões culturais a elas associadas como o siriri e o cururu.

O «siriri de fundo de quintal», vinculando as sociabilidades festivas que articulam em seu interior como as relações de parentesco e vizinhança, se converte na espetacularização da cultura por meio da representação do *modus vivendi* e práticas culturais do ribeirinho representados nos objetos culturais e nos adornos utilizados nas coreografias como o chapéu, a peneira, a rede, a canoa, o mocho, o pote, o pilão, etc., que passam a ser representativas nos festivais culturais como símbolo da cultura mato-grossense.

---

<sup>12</sup> IPHAN, 2000.

<sup>13</sup> IPHAN, 2005: 19.



Figura 15. Siriri estilizado (Grupo Flor Ribeirinha).

Foto: Zuleika Arruda.

A representação da viola-de-cocho como símbolo da cultura mato-grossense faz também com que surja um novo nicho no mercado para a produção padronizada de novos objetos culturais para atender ao mercado turístico por meio da confecção de souvenir como chaveiros, ímãs de geladeira e pequenas violas com inscrições criptografadas como recordações para os turistas. A funcionalidade do objeto (viola-de-cocho) passa a ser imbuído de novos signos e se converte em uma mercadoria cultural que passa a ser valorizada como um dos símbolos de identidade mato-grossense.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável a relevância do tombamento da viola-de-cocho como Patrimônio Imaterial Brasileiro e como signo identitário da cultura mato-grossense. Entretanto o seu tombamento como patrimônio imaterial não deve ser concebido apenas pelo risco de desaparecimento desse um instrumento musical singular e especial em relação à forma e sonoridade. O seu valor patrimonial transcende a produção material como simples instrumento musical à medida que possui um valor simbólico tanto para o artesão/cururueiro quanto para os demais membros da comunidade que participam das práticas socioculturais cotidianas mediatizadas pela viola-de-cocho. A viola está presente nos momentos de lazer e na reza, sofrimento e agradecimento. É um instrumento que faz parte do cotidiano dessas comunidades, das suas vivências e suas memórias sociais.

Apesar das ameaças de desaparecimento, tanto do instrumento musical quanto da sua musicalidade e celebrações culturais associadas, a viola-de-cocho vai sendo produzida e tocada quase que exclusivamente pelas comunidades tradicionais rurais, que têm

se mantido fiel à sua origem, no seu modo de saber/fazer e cantar presentes nos ritos e festejos religiosos e profanos. A oralidade presente nesse grupo social, o improviso dos repentistas das trovas e cantorias e a ritualização da festa também representam uma forma de manutenção da cultura à medida que (re)produzem um saber transmitido por seus antepassados.

Nesse sentido é que o saber/fazer da viola-de-cocho que dá ritmos às celebrações mato-grossense deve ser preservado, pois é por meio da música produzida nessas práticas culturais que a viola revela a sua identidade e marca a cultura do povo mato-grossense.

## BIBLIOGRAFIA

- ANJOS FILHO, Abel Santos (2002) — *Uma melodia histórica: eco, cocho, cocho-viola, viola-de-cocho*. Cuiabá: Ed. do Autor.
- ARRUDA, Rinaldo (1999) — *Populações tradicionais e a proteção de recursos naturais em unidades de conservação*. «Ambiente & Sociedade». Ano II, n.º 5, 2.º Semestre. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/n5/n5a07>>. [Consulta realizada em 07/06/2018].
- BAUDRILARD, J. (2008) — *O Sistema dos Objetos*. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. 5.ª Ed. São Paulo: Perspectiva.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (2000) — *Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
- (2005) — *Dossiê Iphan: modos de fazer da Viola de Cocho*. Brasília: Centro Nacional de Cultura Popular. Disponível em <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_modos\\_fazer\\_viola\\_cocho.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_modos_fazer_viola_cocho.pdf)>. [Consulta realizada em 16/09/2018].
- (2013) — *Educação Patrimonial: Manual de aplicação: Programa Mais Educação/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc.
- JODELET, Denise; PAREDES, Eugênia C. (2009) — *Pensamentos míticos e representações sociais*. Cuiabá: EdUFMT/FAPEMAT/EdUNI, 266 p. (Coleção Educação e Psicologia; v. 13).
- SASSO, Wilson (2011) — *Manual de construção da viola de cocho*. Curitiba: Ed. do Autor.
- TAMIOZZO, Letícia Mainardi (2019) — *As narrativas dos mitos e lendas como estratégia para a elaboração de rota turística cultural no vale do rio Cuiabá, Mato Grosso – Brasil*. Cuiabá: Instituto Federal Mato Grosso – Octayde Jorge da Silva. Artigo de conclusão de curso.